

Relato: Alfabetização, pipa e futebol

Sou professora alfabetizadora da rede pública municipal de São Paulo.

Bom, um jeito honesto de começar esse relato é dizendo que ainda não encontrei a resposta para a pergunta: é possível alfabetizar a distância?

Sigo com a pergunta, ou melhor, ela segue comigo. Persegue-me, atormenta-me, tira-me o sono.

Tanto é que aqui estou, às 5h40, escrevendo. Acordei com uma vontade incontida de escrever o que me aconteceu ontem.

Entramos no quarto mês do distanciamento social. Escola fechada.

Os alunos receberam um livro pelo Correio e um e-mail institucional para acessar uma plataforma de ensino remoto.

Meus alunos têm oito, nove anos e, sim, já têm um e-mail institucional. Tempos bem diferentes esses.

Tenho trinta e seis alunos na minha turma do 3º ano do ensino fundamental, ciclo de alfabetização.

Se você, como eu, já passou dos quarenta anos, vou atualizá-lo dando uma referência daquele tempo em que crianças não sabiam o que era e-mail: isso equivale ao antigo primário.

Vou contar um pouquinho da minha aventura com o aluno Artur*. Ele tem nove anos, mora com a mãe, o padrasto e uma irmã menor. Está cursando o terceiro ano pela segunda vez e ainda não sabe ler. Está na fase inicial de aquisição da leitura e escrita.

Desde o início da suspensão das aulas presenciais eu tento contato com ele.

Inicialmente, consegui falar com sua mãe. O primeiro contato foi para ajudá-la a atualizar o cadastro na escola para receber o auxílio merenda do governo. O telefone na ficha cadastral estava desatualizado e, por sorte, eu havia realizado uma atividade na qual os alunos identificavam a presença da matemática no seu cotidiano, sendo o telefone dos pais um desses usos sociais dos números.

A matemática salva vidas e é por essas e outras que eu não entendo quem fala mal dessa ciência tão incrível e apaixonante.

Sigamos com minha aventura.

Orientei também a mãe do Artur sobre como acessar a plataforma Google Classroom. Bom, ela não se animou com o nome pomposo da tal plataforma, visto que seu pacote de internet não resistiria a mais de uma ou duas horas de acesso, quando no seu orçamento a recarga que realiza deve durar de um pagamento a outro. Sim, é assim que nós trabalhadores contabilizamos a duração de um mês.

Diante dessa realidade de não poder acessar a plataforma, ela me disse que seu filho faria apenas as atividades do livro e que ela se esforçaria para poder ajudá-lo na medida do possível.

Preocupada com seu desenvolvimento, sugeri realizar um encontro virtual com ele para de alguma forma acompanhar e fazer as intervenções pedagógicas necessárias.

Marcamos o primeiro encontro. Fiquei animadíssima. Convidei a coordenadora pedagógica e uma professora que atua no projeto de apoio pedagógico que, além de amiga, é uma grande alfabetizadora e parceira.

Planejei uma aula minuciosamente: primeiro teríamos um momento de acolhimento, de escuta dos estudantes para saber como estavam lidando com o isolamento, a falta da escola e dos amigos; depois, uma leitura feita por mim de uma fábula do livro; e, por fim, uma atividade de escrita. Não poderia ser algo muito extenso para um primeiro encontro. Pensei em utilizar uma lousa que tinha em casa, mas refleti: como será a visualização para eles?

Liguei para o meu marido para fazer um teste. Ele estava no meio de uma inspeção de uma obra e eu querendo testar se ele conseguiria visualizar o que eu estava escrevendo na lousa. Ele pediu desculpas e perguntou se eu poderia ligar em trinta minutos.

Não, eu não poderia. Em trinta minutos começaria minha aula virtual: um evento que fazia meu coração acelerar.

Liguei para coordenadora. Fiquei aliviada por ela poder me atender e ainda me dar dicas de como melhorar o posicionamento da minha lousa. Retirei-a da parede e coloquei-a sobre uma mesinha.

Tudo pronto para minha aula. A coordenadora até me elogiou, porque eu arrumara o cabelo e passara batom. Nas videochamadas para as reuniões pedagógicas eu não passava batom. Coordenadora pedagógica sempre observa tudo. Até detalhes como esse. São especialistas em observar miudezas que transmitem a paixão por educar.

Chegou o momento da aula. Dos quatro alunos que chamei para o encontro virtual, três me atenderam, menos a mãe do Artur. Fiquei um pouco triste, mas segui com o planejamento. Feliz pelos três alunos que ali estavam, falantes, animados, contando suas novidades e tristezas também. Um deles contou que a mãe e o padrasto tiveram COVID, mas que estavam bem, que o vírus não estava mais no corpo deles, isso segundo ele.

Mas, a minha alegria não estava completa. Faltou o Artur.

A matemática é realmente incrível. Para uma professora, naquele dia, 1 pesou mais que 3.

Depois, a mãe do Artur me enviou uma mensagem, pedindo desculpas, pois apesar de termos marcado no dia da sua folga do trabalho - ela trabalha num mercado para complementar a renda - foi fazer uma faxina e não conseguiu voltar a tempo do horário da aula e não havia nenhum outro celular na casa.

Compreendi e lamentei profundamente, mas incansável marquei novo encontro. E na véspera ela também precisou desmarcar pelo mesmo motivo: uma nova faxina surgiu.

Na outra semana, tentei novamente. Então, ela me sugeriu ligar para a avó, pois ia pedir para esta ficar com o Artur naquele dia, a fim de que a aula acontecesse.

Liguei para a avó, marquei o horário e solicitei para ela pedir ao Artur que separasse o material: o livro, um caderno, lápis e borracha.

Ela aproveitou para me contar que o Artur não queria saber dos deveres, só queria ficar na rua empinando pipa e jogando bola. Que ela não sabia ler direito e isso a machucava, já que gostaria muito de aprender a ler direito para ler tudo sozinha. Contou que quando estudava lá em Recife também só queria saber de brincar e queria que com o Artur fosse diferente. Aproveitei e a convidei para participar na aula junto, pois assim me ajudaria a animar o Artur que só queria saber de pipa.

No dia seguinte, no horário combinado e com o coração acelerado, liguei para a avó do Artur (uma chamada de vídeo). Quando ela atendeu, fiquei triste com a imagem que vi: ela estava num ônibus e sem o Artur. Foi logo me explicando que precisou sair e demorou, mas que já estava voltando para casa.

Respirei fundo e disse que tudo bem e que voltaria a chamar mais tarde. Liguei para outra aluna, ela me atendeu e iniciamos a aula. A coordenadora estava na chamada também e percebeu a tristeza e desapontamento no meu olhar.

Pensei: será possível, mais um dia não vou conseguir falar com o Artur?

Segui a aula. Passados 15 minutos, liguei novamente para a avó. Ela estava chegando no portão da casa, esbaforida, correndo. Abriu o portão, correu para casa. Tentei tranquilizá-la.

Ao adentrar a casa a decepção agora ficou estampada no rosto da avó. Chamou pelo neto. Ele não estava. Ela quase chorou. Disse que estava envergonhada. Mostrou a mesa com o material separado. Tudo arrumadinho.

Artur deve estar na rua empinando pipa ou jogando bola.

Comovida ao ver aquela avó triste, tentei animá-la:

- Não tem problema querida. Eu tento outro dia. Também entendo que a pipa, o futebol são mais legais do que um encontro virtual comigo. Fique tranquila! Nem que eu tenha de ir aí à rua empinar pipa com ele, eu vou dar aula para o Artur.

Remarquei o encontro para segunda-feira. Afinal, o que move os professores senão a esperança?

Ela desligou e eu segui a aula uma única aluna. Pensei: se eu fosse criança no meio dessa pandemia, ia preferir aula virtual ou empinar pipa e jogar bola?

A resposta óbvia é que certamente a pipa e a bola ganham fácil essa disputa.

Mas a saga continuou. Na segunda-feira, novamente, o coração acelerou. Será que hoje eu consigo?

Liguei, alguém atendeu. Não era a mãe, nem a avó. Uma mulher que eu não conhecia. Quem seria?

Era a tia. Uma tia brava por sinal.

Ela se apresentou, mostrou o Artur sentado à mesa, lápis na mão, livro, caderno.

Ela disse que não estava ciente da situação, mas que eu poderia ficar tranquila porque agora "vai".

Dirigindo-se ao Artur ela disse:

- Comigo ou faz ou faz. Se ficar com preguiça, Artur, ou só querendo saber de pipa e bola, vou encher tua cara de bolacha.

Bolacha nesse caso não é o mesmo que biscoito, nem salgado, muito menos doce, nem cara, é só rosto, pode ser o corpo todo.

Meu coração acelerou novamente. Será que exagerei na minha busca ativa pelo Artur?

Sem pipa e sem bola? E com a cara cheia de bolacha? Ele vai me odiar!

Tentei iniciar nosso encontro de forma amena, dizendo que havia tempo para tudo, para estudar e brincar. Elogiei o Artur para tia. Disse que ele é um dos meus alunos mais interessados e que ela poderia ficar tranquila, pois ele ia conciliar o tempo do estudo e das brincadeiras, já que ele queria muito aprender a ler. E isso foi uma grande verdade.

O objetivo que me move. Ele e eu queremos a mesma coisa: que ele aprenda a ler.

Fiz uma leitura e fui para o momento tão aguardado: a atividade de escrita.

Pedi para o Artur escrever no caderno uma pequena lista de quatro animais. O primeiro é um animal grande: rinoceronte.

Ele escreveu sem titubear. Acertou todas as letras. Ficaram faltando apenas o "e", depois do "c" e o "n".

Seguimos. A próxima foi "camelo". Perfeita! Comemorei silenciosamente. A vontade era de gritar e pular como quando se comemora o gol do time do coração.

A terceira seria "pato", mas eis que em meio à aula escutamos um galo cantando no quintal. Decidi pedir para ele escrever "galo". Ele escreveu "Halo". Compreendi perfeitamente seu raciocínio, afinal bastava pronunciar a letra H e todos compreenderiam porque ele fez essa escolha e brigarei com o primeiro que me disser que ele escreveu assim porque não sabia escrever. Defenderei-o com a mesma paixão de um corintiano: não existiram erros aqui. Apenas construção, avanço das possibilidades para um glorioso final vitorioso.

Chegou o momento tão aguardado: a última palavra.

- Por favor, Artur, escreva "rã".

Artur, no auge do seu esforço intelectual do dia, solta a interjeição:

- Ixiiiiii!

Sua fala denotou a percepção do desafio que tinha à frente. Ele não se deixou enganar, sabia que a palavra diminuiu, porém o grau de dificuldade aumentou.

Eu vivi aquela expectativa angustiante, tal qual o torcedor na arquibancada de um clássico do futebol, naqueles segundos cruciais que antecedem a cobrança de um pênalti.

Aquele suspense. Aqueles instantes silenciosos que pareciam intermináveis.

A partida seria decidida ali, naquele momento.

Sua interjeição demonstrou muitos saberes, não era um menino que não sabia ler. Estava em campo, junto com o lápis, tudo o que ele sabia sobre a escrita. Ele sabia que parecia apenas um chute, mas tinha consciência da responsabilidade na escolha das letras, tinha decisões a tomar: Quais? Quantas letras usar? Em qual ordem?

Muita coisa estava em jogo. Tinha um som misterioso nessa palavra.

Na sua mente, a torcida nitidamente estampada no rosto da professora, por mais que ela tentasse disfarçar, silenciar.

Ele se concentra, buscou todas suas referências, mirou o papel, olhou atento, escolheu sua melhor jogada e decidiu: é agora!

Ele arriscou tudo, mirou no gol, pegou o lápis e foi: escreveu!

A professora foi ao delírio. Emoção máxima! Em sua mente estava bradando:

- Vai Artur! Só duas letrinhas! Rã! Não precisa nem de acento! Não precisa nem ser bonito! Vai!!! Acredita!!! É gol! É gol!!!

Quem nunca realizou uma sondagem na vida, não sabe o que é viver a angústia e a delícia da expectativa da última palavra, a monossílabo, o grande desafio.

Mas o Artur sabia. Sua interjeição demonstrou sua consciência do tamanho do desafio que tinha em mãos.

E ele escreveu "rano". O conflito foi enorme. Registre até foto do momento. Mão no rosto, testa franzida, lápis batendo na cabeça. Nesta fase do desenvolvimento da escrita a criança se depara com o conflito de ter que escolher quantas e quais letras usar. Ainda se confronta com a dificuldade de aceitar que é possível escrever uma palavra usando apenas duas letras.

O Artur foi buscar suas referências e apostou tudo que sabia para escrever aquela palavrinha que o desafiava. Escolheu o "r" logo de cara e confiante; depois o "a" para representar o som que o perturbava; e escolheu o "n". Não satisfeito em usar apenas três letras, no último instante, escolheu uma letra para fazer companhia: escolheu o "o".

Aleatoriamente?

Seria um julgamento precipitado afirmar isso. Certamente, ele se apoiou em alguma referência para tal escolha. Seria o "ão" presente na palavra "São" de São Paulo que lhe é familiar?

Depois de tanto esforço, decidi não perguntar.

Ele acreditou. Apostou tudo de si nessa escolha. Tal como o jogador que escolhe a direção que vai bater o gol e a bola por algum motivo escolhe a trave. Respeitei sua escolha, sua decisão naquele momento.

Estou feliz e satisfeita. Orgulhosa!

Teve a escrita da frase também, mas isso fica para outro texto.

Pensei comigo: Valeu a pena todo esforço para não deixar o Artur fora do jogo! Afinal, escrever "rã" é tão bom quanto bater pênalti na final de um clássico.

Achei que estava exagerando. Decidi revisar o texto do meu pensamento:

Escrever "rã" é quase tão bom quanto bater pênalti na final de um clássico.

*Nome fictício

Professora Luciana Melo

EMEF Antônio Carlos de Andrada e Silva

